

# O ENSINO DA METODOLOGIA ASSISTENCIAL DE ENFERMAGEM NO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM DA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA: INFLUÊNCIA DO PENSAMENTO E PROPOSTAS

Da DR<sup>a</sup> WANDA DE AGUIAR HORTA

Mariana Fernandes de Souza \*

SOUZA, M.F. de. O ensino da metodologia assistencial de enfermagem no departamento de enfermagem no Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina: influência do pensamento e propostas da Dra Wanda de Aguiar Horta. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 21(nº/especial):34-39, 1987.

## 1. INTRODUÇÃO

Um programa de ensino para ser um instrumento eficiente de educação depende de muitos elementos e relações que variam de acordo com o nível, o tipo de educação e com o contexto em que se encontra a instituição educacional. A formação do profissional vai se fazendo em estreita dependência do contexto social que demanda mudanças no tipo de conhecimento e contribuição que deseja dos seus cidadãos. Dada essa inserção no mundo, no concreto social, no planejamento das dimensões curriculares básicas — objetivos, conteúdo, métodos ou processos e avaliação — não se pode ignorar a vinculação da escola com as condições históricas, políticas e econômicas, elementos estes, que exercem pressões sobre o plano educacional. As concepções desse mundo são diversas, as teorias são várias, isto condiciona também diversas visões para o currículo. As escolas elaboram seu programa de ensino de acordo com a concepção que fazem da atividade de seus egressos e da expectativa da sociedade para os mesmos. Esta concepção ou visão deve ser expressa por um conjunto organizado de idéias ou conceitos que dão uma direção, um guia para se desenvolver os objetivos, o conteúdo, os métodos e processos e a avaliação. Estas idéias existem mesmo que não estejam organizadas de modo explícito, pois de outro modo não seria possível, nenhuma atividade curricular. Porém, para maior eficiência é necessário que haja a organização conceitual explícita, unindo a complexidade de idéias dentro de um todo, global, com um sentido de direção, com significação, ou seja racional. Esses conceitos interrelacionados reproduzem, na con-

\* Enfermeira. Professor Adjunto do Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina.

\*\* O atual Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina foi fundado em 1939 com a denominação de Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo, nome que perdurou até 16-05-68, quando pelo Decreto nº 62.689/68, passou a se chamar Escola Paulista de Enfermagem. Posteriormente, em 04-05-77 os cursos da Escola Paulista de Enfermagem foram por processo de federalização (Decreto nº 79.656/77) incorporados à Escola Paulista de Medicina.

cepção de quem os elabora, o que é a profissão, quais são seus propósitos, seus agentes e seus clientes.

Em sua existência, o Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina \*\*, ademais como todas as escolas de enfermagem do Brasil, passou por várias mudanças no seu currículo na tentativa de adequar a formação do enfermeiro às exigências da sociedade. Mudanças estas condicionadas por aqueles elementos referidos no início: históricos, econômicos, políticos e sociais.

Passaremos a expor essas mudanças curriculares unicamente nos aspectos que se referem à influência exercida pelo trabalho da Dr<sup>a</sup> Wanda de Aguiar Horta.

## 2. INFLUÊNCIA DE HORTA

A influência das idéias da Dr<sup>a</sup> Wanda de Aguiar Horta em nosso currículo teve início no fim da década de 60, após a publicação de seus trabalhos sobre a sistematização da assistência de enfermagem <sup>(1, 2)</sup> e a sua Tese de Livre-Docência <sup>(3)</sup> cujo conteúdo passamos a estudar e a utilizar no ensino das disciplinas de Introdução à Enfermagem e Enfermagem Médico-Cirúrgica. Até esta época ensinávamos e exigíamos dos alunos em estágio, o planejamento do trabalho e o plano de cuidados dos pacientes sob seus cuidados; o conteúdo do curso era centralizado em procedimentos com a aplicação de princípios científicos. Esse plano de cuidados aos poucos foi sendo enriquecido com a observação sistematizada e o histórico de enfermagem. Neste período não foram só as publicações de Horta as responsáveis pelas repercussões e mudanças em nosso currículo, mas também os cursos, conferências e aulas que ela ministrava iam veiculando suas reflexões e idéias. Na década de 70, Horta apresenta e publica seu trabalho intitulado "Contribuição para uma teoria de enfermagem" <sup>(4)</sup>. Após este, seguiram-se vários outros <sup>(5, 6, 7, 8, 9)</sup> que exerceram que exerceram uma grande influência na mudança de nosso ensino que passa então a ser centralizado na busca de assistência sistematizada no atendimento das necessidades humanas básicas. Procurávamos assim evitar a fragmentação da aprendizagem que ocorre quando há ênfase na execução de técnica divorciada da percepção da pessoa como um todo e que carece de assistência. O programa se compunha de unidades dedicadas ao ensino das necessidades humanas básicas e dos procedimentos para atendê-las, sendo que o processo de enfermagem era ensinado como última unidade. Pensávamos que o aluno já estando treinado no atendimento das necessidades humanas básicas compreenderia facilmente as etapas do processo sendo capaz de executá-las. Dois anos depois, verificamos que o ensino continuava fragmentado. Os alunos enfatizavam o aprendizado dos procedimentos técnicos, inclusive percebendo este aprendizado como um fim em si, reclamando de repetições quando julgavam já saber determinado procedimento. Julgavam que o processo de enfermagem era uma "técnica a mais", um modo facultativo de cuidar do paciente, pois, freqüentemente ouvíamos a seguinte pergunta. "Neste paciente eu aplico ou não o processo de enfermagem"? Constatamos que não estava havendo unidade na aprendizagem, continuando o enfoque

antes em procedimentos a aprender do que na assistência global da pessoa que tinha necessidades a serem atendidas.

Diante disto e após reflexão e discussão da problemática, resolvemos fazer uma experiência diferente: colocar o ensino da metodologia do processo de enfermagem no início, o qual seria o ponto de partida para o ensino dos procedimentos técnicos.

Ao iniciar a disciplina Introdução à Enfermagem, os alunos já haviam tido em Fundamentos de Enfermagem o estudo dos instrumentos básicos e do controle dos sinais vitais. Então começávamos com o ensino das necessidades humanas básicas nos seguintes aspectos: definição, níveis, classificação, fatores de modificação e definição de problema de enfermagem. Após isto, já introduzimos a metodologia do processo de enfermagem: conceitos, etapas operacionais e dinâmica de ações.

A aplicação prática começava de modo restrito, dado o nível de conhecimentos nessa etapa do curso. Assim os alunos iam ao hospital e lhes eram designados pacientes (um para cada aluno) dos quais deveriam fazer o levantamento de dados e a identificação de problemas, ou seja, aplicar o Histórico de Enfermagem. A seguir passavam a identificar as necessidades e à medida em que as identificavam, os procedimentos para atendê-las eram ensinados, por exemplo: vários alunos constataavam a necessidade de cuidado corporal, então todos os cuidados de higiene eram ensinados. A aplicação do processo passou a funcionar como Centro motivador para o ensino dos vários assuntos do programa. Os professores sempre tiveram o cuidado de não deixar que um procedimento fosse ensinado desligado dessa metodologia. Ao surgir uma oportunidade de ensino incidental, primeiro os alunos eram levados a detectar o problema, ver a necessidade afetada e continuar seguindo a dinâmica do processo. Os alunos consultavam em cada dificuldade surgida, a sós ou com o professor, a bibliografia disponível na pasta do professor (6, 6, 7, 8, 9).

A medida em que novos conhecimentos iam sendo adquiridos, a assistência através do Processo de Enfermagem ia se tornando mais ampla e completa.

Em relação ao preparo e a execução do programa, observamos também o seguinte:

1. estudo da metodologia do Processo de Enfermagem pelas professoras durante o mês de fevereiro (1 mês antes do início do ano letivo); isto foi feito de maneira teórica e prática;

2. escolha de unidades de enfermagem nos hospitais campos de estágio que possibilitassem tempo médio de uma semana de internação de pacientes, chefia por enfermeira, aquiescência das chefes quanto a metodologia que iam por em prática;

3. quando começamos a executar o programa, e até o final da disciplina, fizemos reuniões semanais ordinárias com todas as professoras (em número de 7) para discutirmos e analisarmos o andamento do mesmo, então, dificuldades eram colocadas e o grupo procurava encontrar solução, bem como eram colocados os pontos positivos;

4. reuniões extraordinárias foram feitas sempre que surgiram problemas mais relevantes;

5. cada professor tinha uma pasta contendo xerox da bibliografia indicada, mais fichas de anotação diária sobre o desempenho dos alunos, presença, e folha próprias de avaliação;

6. reuniões, se possível, diárias com o grupo de alunos.

A execução deste programa foi bastante trabalhosa, exigiu muito esforço de todos os professores. No final da disciplina concluímos que o resultado, apesar de não ter sido medido estatisticamente, foi bom. Houve pontos, negativos, porém os positivos, pensamos nós, foram mais relevantes.

### PONTOS NEGATIVOS

1. Dificuldade inicial encontrada por quase todos os alunos na execução de exame físico, talvez devido ao pequeno contato tido com pacientes;

2. número grande de alunos por grupo, em média 12, dificultando um melhor acompanhamento por parte do professor;

3. o pessoal das unidades não dava continuidade ao Processo, o que dificultava os alunos a vivência de uma boa assistência e de um real trabalho de equipe.

### PONTOS POSITIVOS

1. Melhor interação e comunicação com os pacientes, colegas, médicos e pessoal da enfermagem ao final da disciplina;

2. mais capacidade de uso de instrumentos básicos, tais como: observação, planejamento, comunicação e criatividade;

3. rapidez na percepção das necessidades básicas afetadas;

4. maior número de encaminhamentos e solução de problemas;

5. todos os alunos, ao mudar de unidade, sentiam a necessidade de passar ao colega que viria cuidar do paciente, o Processo que estava sendo aplicado, a fim de não prejudicar a continuidade da assistência de enfermagem dada por eles;

6. observações feitas por vários colegas de outras séries, que estando na mesma unidade, vinham nos dizer que o grupo daquele ano era mais capaz que eles em: iniciativa, percepção de problemas e capacidade de se entrosar com os pacientes;

7. as queixas quanto à pouca destreza na execução de procedimentos básicos, por parte dos alunos, e de outros professores, não nos parecem maiores que as verificadas em anos anteriores.

Com a incorporação da Escola de Enfermagem à Escola Paulista de Medicina, fomos obrigadas a receber desta mais 25 vagas. Ficamos assim com mais de 100 alunos por turma, tornando-se impraticável continuar com a estratégia de ensino relatada, a qual demandava um seguimento próximo constante de cada aluno para dinamizar o Processo como núcleo motivador da aprendizagem e integrador da teoria com a prática. Houve também mudanças no grupo de professores que ministravam as disciplinas de Fundamentos e Introdução à Enfermagem. Uma das novas professoras que havia terminado um curso de pedagogia propôs o ensino por Módulos Instrucionais, o que foi aceito pelo grupo por ser esta uma estratégia mais adequada ao grande número de alunos. O conteúdo dos módulos, no entanto continuou sendo a assistência ao indivíduo no atendimento de suas necessidades básicas através do uso da metodologia do Processo de Enfermagem proposto por Horta.

O ensino nas disciplinas em questão continua até hoje a ser feito por Módulos Instrucionais, porém, a partir de 1982 o currículo começou a passar por transformações que relatamos a seguir.

Sempre tivemos na Escola uma comissão encarregada de estudos do currículo. Este grupo e várias professoras estavam empenhadas em mudar nosso programa de ensino. Não estávamos contentes com a modalidade prescrita pela Resolução 04/72. Em reuniões semanais começamos a planejar as mudanças e no fim de 1982 foi encaminhado ao Conselho Federal de Educação um pedido formal com as devidas justificativas, para nos autorizar a ministrar o curso em 4 (quatro) anos sem as habilitações previstas pela referida Resolução. A nova proposta curricular foi aprovada pelo Conselho Federal de Educação em 1983 e a partir de 1984 iniciamos a implantação do novo currículo.

Já havíamos começado em 1982 a elaborar uma Filosofia para o currículo, a partir da qual construímos um modelo conceitual, os objetivos gerais e os específicos para cada série. Os professores continuam até hoje esse trabalho que, aliás, tem que ser constante.

A filosofia e o modelo conceitual elaborado para a mudança curricular contém conceitos dos trabalhos de Horta, entre outros, e a metodologia de assistência é o Processo de Enfermagem por ela proposto, porém, com simplificações e adaptações que cada disciplina terá que fazer para atender suas particularidades. Estas adaptações se devem também a dificuldades encontradas por nós no uso de todas as etapas propostas por Horta. Dificuldades que podem ser advindas da realidade atual dos campos de prática (condições precárias de recursos materiais e humanos, política de assistência, etc.). Três professoras do nosso Departamento fizeram suas dissertações de mestrado estudando o processo de enfermagem e os resultados nos levaram a concluir sobre a necessidade de simplificação na metodologia do mesmo. No futuro pode ser que possamos utilizar todas as etapas e até com mais precisão, dependendo do progresso do conhecimento e da melhora de condições do exercício profissional de enfermagem.

A mudança que os professores do Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina vêm processando no seu currículo tem sido

resultado de intenso trabalho e ainda resta um longo caminho a percorrer no projeto inicial, quando necessidade de mudança já se faz sentir nesse trabalho. Isto, longe de nos desanimar, mostra que realmente o processo está dinâmico, vivo. Aqui cabe lembrar o que diz Kelly: "As questões sobre currículo, como as questões em educação, devem permanecer abertas e quaisquer respostas que lhes ofereçamos devem ser reconhecidas como experimentais, hipotéticas e sujeitas a revisão contínua. . . o desenvolvimento curricular deve constituir um processo contínuo de evolução e planejamento. O conhecimento continua a se desenvolver; a sociedade evolui; as pessoas se modificam; e o currículo precisa acompanhar tudo isso" (10).

Finalizando, a contribuição de Horta para a enfermagem brasileira é inestimável. Seu amor pela profissão, idealismo e simplicidade aliados a grandes dotes intelectuais e vasto conhecimento foram forças que possibilitaram suas realizações. Na escalada do saber na enfermagem ela colocou o seu degrau e a subida só será possível se colocarmos outros degraus. E aqui cabe lembrar que cada um desses degraus serve de base aos outros que devem acrescentar algo sem que isto signifique demérito do anterior, pois sem ele este outro não existiria — esta é a natureza evolutiva do conhecimento, a essência do progresso.

Mestra e amiga Wanda Horta, pelo respeito à sua fortaleza, amor à verdade, integridade e espírito científico como pessoa quando existiu neste mundo, queremos esforçar-nos por acrescentar um pouquinho, algumas pedrinhas pelos menos, na massa de conhecimentos que está formando o próximo degrau ao que você colocou.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HORTA, W. de A. Considerações sobre o diagnóstico de enfermagem. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 20(1):7-13, jan. 1967.
2. ——— Nota preliminar sobre o histórico de enfermagem. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 3(2):33-38, set. 1969.
3. ——— A observação sistematizada na identificação dos problemas de enfermagem em seus aspectos físicos. São Paulo, 1968 (Tese de Livre-Docência — Escola de Enfermagem Ana Neri da Universidade Federal do Rio de Janeiro).
4. ——— Contribuição para uma teoria de enfermagem. *Rev. Bras. Enf.*, Rio de Janeiro, 23(3-6):119-125, jul./dez. 1970.
5. ——— O processo de enfermagem — fundamentação e aplicação. *Enf. Novas Dimens.*, 1(1):10-16, 1975.
6. ———. Necessidades humanas básicas: considerações gerais. *Enf. Novas Dimens.*, 1(5):266-268, 1975.
7. ——— O histórico de enfermagem simplificado. *Enf. Novas Dimens.*, 2(3):131-138, 1976.
8. ——— Modelo operacional para determinar a dependência de enfermagem em natureza e extensão. *Enf. Novas Dimens.*, 2(4)200-203, 1976.
9. ——— Diagnóstico de enfermagem — representação gráfica. *Enf. Novas Dimens.*, 3(2):75-77, 1977.
10. KELLY, A.V. *O currículo - teoria e prática*. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1980.